

**VILA PARAÍSO:  
INVISIBILIDADE DAS PROSTITUTAS DO BREGA 45, CONJUNTO DE  
PROSTÍBULOS NO ENTORNO DA MINERADORA RIO NORTE, ÀS  
MARGENS DO RIO TROMBETAS, EM ORIXIMINÁ (PA)**

*Wilson Madeira Filho*<sup>1</sup>

*Leonardo Alejandro de Gomide Alcântara*<sup>2</sup>

*Ivan Ignácio Pimentel*<sup>3</sup>

*Denise da Silva Vidal*<sup>4</sup>

*Thais Maria Lutterback Saporetti Azevedo*<sup>5</sup>

*Carolina Weiler Thibes*<sup>6</sup>

*Jamile Medeiros de Souza*<sup>7</sup>

*Alessandra Dale Giacomini Terra*<sup>8</sup>

**Resumo**

Vila Paraíso é o nome de um conjunto com três dos prostíbulos que integram o Brega 45, palafitas no Rio Trombetas que abrigam cerca de trinta prostitutas. As profissionais do sexo prestam serviços aos trabalhadores no entorno das atividades da Mineradora Rio Norte (MRN), no distrito de Porto Trombetas, no Município de Oriximiná, no estado do Pará. O território, por sua vez, é delimitado, em cada margem, por duas unidades de conservação, a Floresta Nacional Saracá-Taquera e a Reserva Biológica Rio Trombetas. O texto reúne, em uma fala simbólica, o resultado de diversas entrevistas com prostitutas do local, invisibilizadas pelas relações econômicas e políticas e pela sociologia de poder local. Os nomes próprios que constam no texto foram modificados.

**Palavras-chave:** Prostituição; Mineração; Amazônia; Racismo ambiental; Justiça ambiental.

---

<sup>1</sup> Professor Titular da Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense (UFF), Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito (PPGSD) da UFF. E-mail: wilsonmadeirafilho@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutorando do PPGSD/UFF e bolsista Capes. E-mail: leoalejandrog@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Mestre pelo PPGSD-UFF, Doutorando em Geografia pela UERJ. E-mail: ivanpimentel22@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Mestre pelo PPGSD-UFF, Doutoranda do PPGSD-UFF. E-mail: denisevidal@globo.com

<sup>5</sup> Mestre pelo PPGSD/UFF. E-mail: thaislutterback@hotmail.com

<sup>6</sup> Mestranda do PPGSD/UFF e bolsista Capes. E-mail: carolinathibes@yahoo.com.br

<sup>7</sup> Mestranda do PPGSD-UFF. E-mail: jamillemedeiros@yahoo.com.br

<sup>8</sup> Mestranda do PPGSD/UFF e bolsista Capes. E-mail: alessandrագiacomin@hotmail.com

**Wilson Madeira Filho; Leonardo Alejandro de Gomide Alcântara; Ivan Ignácio Pimentel; Denise da Silva Vidal; Thais Maria Lutterback Saporetti Azevedo; Carolina Weiler Thibes; Jamile Medeiros de Souza; Alessandra Dale Giacomini Terra**

### **Abstract**

Vila Paraíso (Heaven Town) is the name of an assembly with three of the brothels that integrate the Brega 45, stilt houses in Rio Trombetas that shelter around thirty prostitutes. The professionals of the sex lend service to the workers in him spill of the activities of the Mining Rio North (MRN), in the district of Porto Trombetas, in the Town of Oriximiná, in the state of Pará, Brazil. The territory, by his time, is delimited, in each margin, for two units of conservation, the National Forest Saracá-Taquera and the Biological Reserve Rio Trumpets. The text unites, in a symbolic speech, the result of diverse interviews with prostitutes of the localities, became invisibles by the political and economic relations and by the sociology of be able to local. The proper nouns that are evident in the text were modified.

**Keywords:** Prostitution; Mining; Amazonia; environmental Racism; environmental Justice.



Navio atracando em Porto Trombetas. Foto de Jamille Medeiros de Souza

Fiquei chateada! To querendo ir embora! Vou amanhã, eu e Charlene. A dona que cuide, vai ver só. Já estou nessa vida há quatro anos. Aqui, no 45, o Brega. Brega é como se diz por aqui, barzinho que tem música, bebida e cama, pra deitar com mulher. Se é o tipo de música não sei, também, acho, é esse tipo de lugar aqui. O 45. Porquê 45? É como chamam esse lugar. Tô bem assim? Quer que eu sente mais para cá pra gravar? Assim, sentada recostada na cama? É meu quarto, moro aqui há três anos, minhas roupas, minhas coisas, minha vida tá nesse quarto. Se a água entra? Quando o Trombetas enche a água chega a respingar, mas só quando passa navio dos grandes, transatlântico. Mas teve uma vez que a água subiu muito,

**VILA PARAÍSO: INVISIBILIDADE DAS PROSTITUTAS DO BREGA 45, CONJUNTO DE PROSTÍBULOS NO ENTORNO DA MINERADORA RIO NORTE, ÀS MARGENS DO RIO TROMBETAS, EM ORIXIMINÁ (PA)**

tive que colocar isso aí tudo por cima da cama, a água subiu pelo piso. Choveu, trovoava, ficamos mortas de medo. Mas foi essa vez, a palafita é alta. O início? Foi em 2005. Minha prima, Elenice, falou desse lugar, aí vim. Em Santarém nunca fiz programa, lá não é muito comum. Aqui tem mais liberdade, tem muito homem. Minha família não sabia. Hoje sabe. Em Santarém fiz curso de enfermagem, ainda volto pra terminar. Vim pra cá, fiquei seis meses, aí juntei e fui morar em Belém. Morei um ano e meio lá. Voltei tem três anos, mas não pro Rosa, o outro Brega, mas aqui para a Vila Paraíso, nesse Brega, o Sorriso da Noite. Não deu certo o casamento, ele sabia, me conheceu aqui, trabalhava na mineração. Mas em Belém a família não me aceitava, minha sogra dizia: “Quem nasceu pra puta, vai morrer puta!”. Acabei desistindo, e voltei pra cá, mas não foi pro Rosa. Rosa da Madrugada. É, a dona é aquela morena, forte, que vocês conversaram, ela era garota de programa também, anos atrás, virou dona do último Brega. Orgulhosa, se acha empresária. Não quis gravar entrevista não foi? Só anotado? Dizem que ela era muito bonita, que fez um sucesso danado, hoje tem trinta e tantos anos e está gorda. Mas quando a casa tá cheia, e tem quem queira, ela ainda dá seu jeito. Lá as meninas são mais amigas, não tem que pagar rateio, o dinheiro da chave é usado para a comida. Quando elas querem, compram um peixe e fazem, compram uma comidinha e fazem. Aqui o dinheiro da chave é da dona. Chave é o uso do quarto. O programa inteiro é sessenta reais, cinquenta nosso e dez de chave. Pra gringo é o mesmo valor, só que em dólares. Dormir é vinte. Aqui, teve briga, a dona está danada comigo. Eu, que falo mesmo, respondi. Foi briga por bobagem, coisa de chamar atenção por um refrigerante. Na frente das outras! Não gostei. Ela disse: “Você e Charlene, se quiserem, podem ir embora!”, foi a terceira vez que ela disse isso. Eu e Charlene vamos embora amanhã, vamos arrumar um barco. Barco é caro, vocês sabem, alugaram um grande. Uma corrida daqui pra Porto Trombetas é sessenta reais. Isso, o preço de um programa. E nem nos deixam entrar na Cidade da Mineradora. Para ir no mercado tem que ter autorização, e tem vezes que a gente não consegue. Mas tem a praça da feirinha, do lado de fora da cidade, em que se pode comprar o que se precisa. Ali também às vezes se consegue alguma clientela, ficam sempre circulando muitas pessoas das empresas que prestam serviços para a MRN e de outros locais. Com autorização, se consegue até ir no supermercado, no banco, na farmácia entre e outros locais que tem ali, mas é raro. Outro dia mesmo uma menina caiu de febre e foi um custo, até pra trazer remédio. Não vem ninguém. Médico, aqui? Não vem nunca. A Mineradora tem barco que atende a saúde nas comunidades? Pois é, mas aqui eles não podem parar, a Mineradora não deixa. Temos que passar um rádio e pagar o barqueiro para trazer o

**Wilson Madeira Filho; Leonardo Alejandro de Gomide Alcântara; Ivan Ignácio Pimentel; Denise da Silva Vidal; Thais Maria Lutterback Saporetti Azevedo; Carolina Weiler Thibes; Jamile Medeiros de Souza; Alessandra Dale Giacomini Terra**

remédio. Prostituta não existe! Não tem saúde, não tem educação. Área ambiental? Ouvi falar que aqui é terreno do IBAMA, uma coisa assim. Parece que protegem os matos e as tartarugas. A gente pode entrar em extinção que ninguém liga. Querem vim aqui pegar o que a gente tem entre as pernas e depois a gente que se dane. Quer saber o quê? Tudo isso detalhadinho, de forma arrumada? Universidade, nunca vi. Já veio muita gente aqui e, dizem, a mãe da dona e os antigos, que teve uma vez que veio gente de universidade também, mas era diferente, fizeram exame de DST. Isso, puta sabe o que é. Aids aqui? Não, nunca teve, nunca ouvi falar. Aqui se alguma pega todo mundo sabe. Tiraram sangue, colheram Papa Nicolau. Pois o estudo não foi bom, mostrou que todo mundo tinha alguma coisa. Daí o Brega ficou condenado. E as meninas elas mesmas nunca mais quiseram que médico pisasse aqui. Podia atrapalhar, e elas precisam trabalhar. Não, fungos, essas coisas. Sim, camisinha claro. Eu só transo de camisinha, não sou besta. Mas tem mulher aí que aceite. E tem gringo que insiste. Mas sei de umas três que deixam. Fora as que querem engravidar. Na época boa tinha umas quarenta mulheres. Metade teve filho. Criança não pode ficar aqui. Tem criança, filhos dos donos. Também moram três famílias comuns aqui, naqueles quatinhos lá da frente, isso. Aborto? Teve, sempre tem. Não gosto de falar disso. Eu? Tenho um filho. Mora com o pai em Manaus. Como foi? O início de novo? Quase todas as mulheres que conheço iniciaram a vida aos treze anos, dos dezesseis não passa. Engravidei, tentei morar junto. Ele era muito controlador, eu não tinha liberdade, ele era pior que meu pai. Fugiu, foi uma confusão, falsifiquei documentos, a assinatura dele, pra trazer meu filho. Voltei com o menino pra Santarém. Seis meses depois a polícia me achou. Meu pai tinha saído, só estava eu e minha irmã em casa. Disseram que cometi crime, que ia presa, que falsifiquei assinatura, que eu não me interessava pelo meu filho com a vida que eu tinha, que era melhor entrar em acordo e entregar a criança para o pai criar. Disse que me interessava tanto pelo meu filho que por isso é que assinei falso. Acabei deixando eles levarem o garoto. Se vejo meu filho? Claro, ele está lá em Manaus, mas o acordo foi que eu posso vê-lo quantas vezes eu quiser. Fui lá ano passado. Esse ano ainda não fui. Ele me reconhece, me chama de mamãe. Me serve outra cerveja? Poe nesse canto daí, para não derramar na cama, meu local de trabalho. Minha prima? Então, não vou mentir. Eu andava com umas amigadas ruins lá em Santarém, e me envolvi com drogas. Fumei dois anos. Minha prima, então, me falou desse lugar, ela já tinha vindo pra cá, feito dinheiro e voltado. Era uma maneira de me livrar das drogas. Vim, pro Rosa da Madrugada. Acho que, quando cheguei, foi como a chegada de vocês, claro, igual mas diferente. Notei o barco de vocês se aproximando naquele calor das duas da tarde. Eu

**VILA PARAÍSO: INVISIBILIDADE DAS PROSTITUTAS DO BREGA 45, CONJUNTO DE PROSTÍBULOS NO ENTORNO DA MINERADORA RIO NORTE, ÀS MARGENS DO RIO TROMBETAS, EM ORIXIMINÁ (PA)**

estava sentada tomando cerveja na mesa. Era domingo e agente sempre se diverte, faz um churrasco, toma banho no rio, faz alguma coisa diferente pra se divertir. Tinha quatro meninas que estavam dançando um forró e vocês logo notaram a grávida, desconfiada. Não eram médicos, dava pra ver. E não é comum parar um barco com um grupo onde a maioria é mulher. Universidade, dá até vontade de voltar a estudar, não sabia que se estudava essas coisas, a vida da gente. Vocês começaram a jogar sinuca e a se aproximar das meninas, como quem não quer nada. A garota grávida foi a primeira a puxar conversa, não foi? Deve ter contado que esta na vida desde os quatorze anos, que o filho que esperava era de seu marido, homem que a tirara do Brega, e por quem ela deve ter dito ter simpatia porém nojo da relação íntima pois, apesar de ele dar casa e comida, é muito violento com ela e, por esse motivo, ela havia resolvido voltar pra cá. Garanto que ela se vangloriou e deve ter afirmado que possuía clientes suficientes para sustentá-la mesmo com barriga. A verdade é que ela chegou aqui na mesma época. Eu fui pro Rosa e ela veio pra cá, pro Sorriso da Noite. Minha história já contei, fiquei seis meses, me juntei, morei em Belém um ano e meio, separei e voltei. Eu gostei daqui, a liberdade, ninguém para me controlar. Eu nunca gostei de trabalhar, Aqui era só transar e beber cerveja, só diversão, no início. Ela, a grávida, era linda, demais. Todas tinham inveja dela, mas inveja boa, ela merecia ser a predileta, a mais procurada, porque era mesmo linda. Aí, um dia, veio esse senhor, alto cargo da Mineradora. Ele sempre vinha aqui. Gostou dela, quis tirar ela dessa vida. Pôs casa em Santarém, deu mesada, fez ela voltar a estudar. Mas ele é casado, e vive com a família em Belém, não tinha tempo para visitá-la sempre em Santarém. Ela voltou pra cá. Disse que queria homem dela perto dela, não só de vez em quando, tempos em tempos, passados meses. Ela não entendeu a maneira gentil dele ajudar ela a sair dessa vida. Hoje, grávida de ninguém sabe quem, ela conta outra história, mas é porque perdeu aquela beleza, e se arrepende e quer chamar a atenção, dele, ou de outro, que aceite cuidar dela agora. Ele? Passa inda aqui de vez em quando, mas dá pra ver que deixou pra lá, não acredita mais, é ainda gentil, mas não se envolve. Pois quando cheguei a primeira vez, e também quando retornei há três anos, tinha muito trabalho, muito homem, muitos navios. Quantos programas. Difícil dizer, já cheguei a fazer oito em uma noite. Quando pára navio grande tem serviço pra todo mundo. Porto Trombetas recebe cerca de um navio de grande porte por dia, em média 365 por ano. É muito homem. Nem gosto, pois o homem chega e já quer ir pro quarto, pagar o programa e fazer logo. Gosto que seja educado, que diga coisas bonitas. Mas tem cada um... Odeio aqueles que fedem! Gente que chega e nem toma banho ou que vem com fedor de cachaça. Ah, chego a cobrar a mais pelo sabonete

**Wilson Madeira Filho; Leonardo Alejandro de Gomide Alcântara; Ivan Ignácio Pimentel; Denise da Silva Vidal; Thais Maria Lutterback Saporetto Azevedo; Carolina Weiler Thibes; Jamile Medeiros de Souza; Alessandra Dale Giacomini Terra**

e digo mesmo que vou cobrar porque eu é que não vou usar em mim o sabonete que um fedorento usou, tenho nojo. Final de semana geralmente vem mais gente, mas nem sempre. A chegada dos navios é que é mais importante. Quando chega um a gente já se prepara, pois é certo. Vinha muito canadense, hoje vem muito coreano. Vêm buscar o minério, carregar os navios. Mas tá diminuindo, aqui já foi bom, já deu pra ganhar dinheiro. Já economizei bastante, por isso penso em ir embora, eu e Charlene. A dona cismou com a gente. Parece que tem mineração nova em Óbidos, que lá é que está bom agora. Aqui, agora, nos melhores dias, se pega uns três. As meninas já fazem muita intriga, tem muito grupinho e estão nos secando, eu e Charlene, inveja de eu mais ela. Meu pai descobriu que eu era puta porque foi menina daqui que ligou pra casa em Santarém, menina daqui! Hoje ele aceita. Quer dizer, teve que aceitar, sou maior de idade. Mas não aceita, de verdade. Minha idade? Tenho vinte e dois, vou fazer vinte e três anos. Dívida com a dona? Não, quer dizer, tem que pagar toda semana o rateio, que é a conta da comida, dos gastos, até material de limpeza, divido por todo mundo do Brega, aqui da Vila Paraíso, diferente do Rosa. A Vila Paraíso são esses três Bregas do lado de cá, esse da dona, o outro, que é da mãe dela, e o outro, que é do irmão dela, e tem o Rosa, onde a dona era puta e hoje é dona. Já pensei em ser dona, já me chamaram para sócia, mas não quis. Porque não juntam o negócio todo da família num Brega só? Acho que não dá certo, cada um tem sua parte, sua família, marido, mulher. Não, o marido da dona não se intromete, faz as compras, cuida do bar, ela é que manda. Vocês viram, não foi? Ele, quieto, preparando o churrasco? Foi, vi quando as meninas da universidade foram tomar banho no rio com as meninas daqui e do Rosa. Depois, teve umas que convidaram elas a entrar em um dos quartos para trocar de roupa. São iguais aos daqui, mesmo tamanho, tem quanto? Dois metros por um e meio, muitos objetos pessoais, perfumes, colares, roupas, cobertas, roupas íntimas, maquiagens. É o marido da dona quem traz, a gente compra aqui. Escravidão? Não, até teve dois da polícia federal aqui, dizendo que se a gente quiser basta denunciar. Aí, depois da briga por causa do refrigerante, fiquei nervosa e disse que ia mesmo chamar a polícia. Acho que está na hora de voltar pra Santarém, saudades do namorado. Sim, tenho namorado. Não, ele não sabe que sou puta. Falo que trabalho na mineração. Vou lá de vez em quando. Na vou há uns seis meses. Como o namoro dura com essa distância? Ah, a verdade é que ele aprontou um rolo, e é casado. Mas estou cansada das intrigas daqui, Sabe aquela loirinha, é aquela, dezenove anos, olhos claros, corpo bem feito? É a atual “princesinha do Trombetas”. Uma tonta, todas a querem. Sabe o que ela contou outro dia? Acho que é mentira, mas ela falou: *“Minha vida aqui é boa, não preciso dar satisfação a homem nenhum e posso me divertir do*

**VILA PARAÍSO: INVISIBILIDADE DAS PROSTITUTAS DO BREGA 45, CONJUNTO DE PROSTÍBULOS NO ENTORNO DA MINERADORA RIO NORTE, ÀS MARGENS DO RIO TROMBETAS, EM ORIXIMINÁ (PA)**

*jeito que quiser, aqui sempre tem festa, tem muita gente que trabalha na Vale e que vem nos ver, já recebi até gente importante em meu quatinho. Certa vez, um homem que parecia das arábias veio até aqui e pediu que eu dançasse apenas com um véu que ele me deu. Ficou em pé, próximo à parede, e me olhava, mas sem encostar um dedo em mim. Muito sério, depois da dança, ele esperou eu me vestir e pagou em dólar, sem ter feito nada comigo. Viu como aqui é bom?''.* Na verdade, se é verdade essa história, é que ela gostou de não ter tido relação. Quer saber a verdade, a verdade mesmo? A maioria das meninas aqui não gosta tanto de homem não! Eles são violentos, xingam, batem e vêm aqui só para encher a cara. Com homem a gente ganha dinheiro, mas prazer mesmo a agente tem entre nós. Essa é a principal divisão entre os Bregas! Quando uma menina de um Brega tenta ter como amiga uma menina de outro Brega, que foi o que aconteceu com a Charlene, ninguém aceita. E fica essa intriga. Tá, eu concordo com uma coisa, e sempre fui séria nisso, e sempre briguei, a gente deve dar lucro ao lugar onde trabalha. Por isso, quando homem que tá dançando com a gente chama para beber em outro Brega eu não vou, aí a dona tá certa, a gente deve dar lucro aqui, no Sorriso da Noite. O pessoal do Rosa da Madrugada tá inovando, tem noite que fazem show de estripe, tem um bingo em que as meninas vão tirando a roupa a cada número que sai e quem tiver a cartela premiada não paga, essas coisas tem levado muito mais gente pra lá, mas a gente tem que ser fiel ao local de trabalho. A gente é que tem de inventar umas coisas legais para cá. Mas o que eu fiquei chateada, é que eu e Charlene não estávamos atrapalhando trabalho nenhum, então não aceito essa intriga! A Princezinha do Trombetas está no auge, mas ela foi uma que maldou, mas é por interesse, ela quer atenção de todas só pra ela. Ela ofertou pagar pra se deitar com umas das meninas da universidade, não foi? Mil reais! Garanto! Já me contaram! Ela começou a se deitar por dinheiro com mais ou menos treze anos, lá pelas bandas de Santarém, de onde eu vim! Fugiu de casa, pois seu padrasto a obrigava a se deitar com ele e a mãe sabia de tudo e não fazia nada. Com quinze anos veio pra Oriximiná e soube do Brega e então ficou aqui trazida por outra amiga e por um homem que ajuda a trazer meninas para cá. Ela já casou, já teve casa montada na cidade por um homem que pagou para ela ir embora com ele, mas que queria mandar e bater nela. Nasceu pra ficar na vida, é só o que sabe fazer! Como eu, como todas. No fundo, não há muito diferença, não precisava haver. Eu só queria poder entrar em sair dos lugares sem ter que explicar nada pra ninguém, poder gastar meu dinheiro com as coisas que eu quiser. Que mais quer saber? Quantos homens já transei? Não sei, não faço ideia. Quatrocentos? Mais? Uma vez um senhor me disse que eu conhecia mais os homens do que eles mesmos, pois eu tinha muita

**Wilson Madeira Filho; Leonardo Alejandro de Gomide Alcântara; Ivan Ignácio Pimentel; Denise da Silva Vidal; Thais Maria Lutterback Saporetti Azevedo; Carolina Weiler Thibes; Jamile Medeiros de Souza; Alessandra Dale Giacomini Terra**

experiência. Acho que não, tanto é que estou apaixonada. É, por um cliente. Como assim? Não confunda, as amizades que se formam aqui, é para não se ficar tão sozinha, pois os homens só vem e vão embora. Mas amor, que a gente imagina, é com algum cara gentil, que seja carinhoso, que nos trate bem. Homem assim não é comum. Pois, tem umas três semanas, apareceu esse rapaz. Eu já tinha ouvido falar dele. Ele já tinha vindo e ficado com uma garota. Depois ficou com outra. Eu não o conhecia, mas elas já tinham contado. Ele sentou comigo, pediu cerveja, e sabe um papo que tem tudo a ver? Falou umas coisas interessantes, e o jeito, as palavras que ele escolhia, era tudo muito bonito. Viemos para esse quarto, e ele foi todo carinhoso, muito legal. Com ele nem senti que foi trabalho. Tá, ele me deu dinheiro, mas, pra ele, eu dava de graça! Ele vai voltar semana que vem, a empresa que ele trabalha vem pra MRN, já soube, ele é engenheiro... Como eu recebo os clientes? Vou contar. Prefiro os americanos e europeus do que os orientais, são mais educados e mais limpos, mas os brasileiros também são bons. Quando cheguei aqui, não sei se disse isso, achei que ia ficar só um ano. Dá até um bom dinheiro, se souber controlar os gastos e não ficar devendo na casa. Acho que acabou, já contei tudo que eu tinha pra contar. Nossa vida é isso aí. Nem bela nem feia. Às vezes boa, às vezes não. Não sei mais se vou embora. Fico chateada com a dona e com essa intriga, quero levar Charlene daqui. Mas amanhã pode ser que a irritação passe. E vocês também alteraram meu ânimo. Viram que fui até o Rosa ontem à noite, beber junto? Pois é, não fazia isso a tempo. As coisas às vezes mudam, devagar, a gente esquece, e aí passa a ver de forma diferente. Só uma coisa parece que não muda. A gente sempre escuta falar que puta é a profissão mais antiga do mundo. Pois como é que não se respeita isso? Não falo dessa coisa aí de direitos humanos, que, no fundo, quer é tirar nosso trabalho, nos colocar pra ser auxiliar de enfermagem ou professora de um bando de bunda-suja, quando não se tem vontade de fazer isso. Falo de respeito de verdade ao nosso trabalho. Me diz se essa Mineradora funciona sem nós aqui? Me diz se a Vale e todas essas empresas internacionais, canadenses, coreanas, o escambal, funcionam sem putas? Somos nós que garantimos o desenvolvimento na Amazônia. E, volto a dizer, porque eu falo mesmo, não tem um médico que apareça aqui, não tem professor que venha aqui ensinar, não tem um político, mentiroso que seja, que venha aqui fazer promessa. Nenhum padre quer nos converter, nenhum pastor quer salvar nossas almas. Não somos filhas de Deus pra essa corja porque, na realidade, nós não existimos. A natureza é defendida, o minério é desejado, até os pretos pobres tem quem os defenda porque agora são quilombolas, para proteger os índios chega americano a toda

**VILA PARAÍSO: INVISIBILIDADE DAS PROSTITUTAS DO BREGA 45, CONJUNTO DE PROSTÍBULOS NO ENTORNO DA MINERADORA RIO NORTE, ÀS MARGENS DO RIO TROMBETAS, EM ORIXIMINÁ (PA)**

hora. Nós não temos proteção. E que mesmo saber? Acho que a universidade de vocês também não vai nos servir pra nada. Mas, deixa pra lá, é que ainda tô irritada.



Confraternização de domingo no Brega Sorriso da Noite.  
Foto de Wilson Madeira Filho